

O LEITOR

SHLINK, BERNHARD. **O leitor**. Trad. de Pedro Schlink. Rio de Janeiro: Record, 2009. 239 p.

Do original em alemão “Der Vorlese”, traduzido em 39 línguas e em cartaz nos cinemas, “O Leitor” é um romance de amor, paixão, mistério e fuga descrita no decorrer de 34 anos, entre 1957 e 1981, retrocedendo a fatos da segunda guerra mundial e tendo como pano de fundo o amor à leitura e o constrangimento que o analfabetismo provoca em um país de primeiro mundo.

Filho de um professor de filosofia, cuja vida era pensar, ler, escrever e ensinar sem dar muita atenção à família, Michael Berg, aos de 15 anos, durante o resguardo de uma hepatite, passa meses dedicando-se à leitura. Ao se restabelecer, em seu primeiro passeio passa mal, vomita e é socorrido por uma mulher misteriosa, Hanna, 35 anos sempre curiosa em saber o que o menino aprendia na escola pedia-lhe para que lesse para ela em voz alta.

Tudo começa por causa da leitura. Tornam-se amantes e todas as tardes seguem o mesmo ritual: leitura, chuveiro e amor. O inocente garoto sentia a compulsão pela leitura mas sabia o porquê desse ritual. Lia fragmentos de clássicos como os épicos de Homero, Goethe, Dickens, Tolstoi e Schiller, Hemingway, poemas de Rilke e Benn e só então faziam amor.

A amante, que chama Michael de “meu menino” tinha seu jeito especial não só de demonstrar amor à leitura, mas também aos livros, como fez quando foi visitar a biblioteca da casa do garoto. Ao passar em revista os livros do pai dele, “ela deixou seu olhar vagar pelas prateleiras de livros que cobriam as paredes, como se estivesse lendo um texto. Então foi até uma prateleira, passou o dedo indicador da mão direita pelas lombadas dos livros...”

Para o garoto o verão foi o voo planado do amor que tem por Hanna, embora não saiba nada do amor dela por ele. Na Páscoa os

dois fazem uma viagem de bicicleta para Amborbach, onde acontece a única briga entre os dois porque o menino levantara-se mais cedo e saía para buscar o café da manhã deixando um bilhete, o que foi motivo para enraivecer a amante, levando-a a agressividade, descontrole e choro. Estava aí a chave de um dos mistérios de Hanna, até então não percebido pelo amante.

Numa linguagem fluente e agradável Schlink narra, na primeira parte do livro, dividida em 17 curtos capítulos, a história de amor, paixão e sexo até o misterioso desaparecimento de Hanna.

A segunda parte, também com 17 curtos capítulos, descreve o julgamento de Hanna, ocorrido 7 anos após abandonar seu amante, quando o “menino”, já rapaz, estudante de direito, reencontra no tribunal sua ex-amante como ré, por ter cometido atrocidades como guarda nos campos de concentração no Terceiro Reich. Lá também fazia as prisioneiras mais jovens lerem para ela alegando querer tornar suportáveis seus últimos meses antes de ir para Auschwitz. Também foi acusada de ser uma das principais responsáveis pela morte de centenas de mulheres trancadas em uma igreja em chamas em 1945.

O processo começa por causa de um livro publicado nos Estados Unidos, que registra e dá forma literária à sobrevivência de uma jovem judia em um campo de concentração, principal testemunha, que vive em Nova York e retorna à Alemanha para o julgamento. A segunda testemunha é a sua mãe que vive em Israel. O livro não cita o nome de Hanna, mas menciona as cinco guardas, entre as quais ela se encontra. No julgamento o estudante de direito descobre o mistério de Hanna, que acaba assumindo certas culpas para não ser desmascarada. Por lealdade e respeito, o ex-amante não revela o segredo e ela acaba condenada à prisão perpetua.

A terceira parte do livro, dividida em apenas 12 capítulos, trata da vida do pequeno leitor, o “menino” já homem, e que se sente culpado por ter amado uma criminosa. Logo após o processo, passa o verão seguinte na sala de leitura da biblioteca universitária. Evitando

o convívio com os colegas, Michael retoma a leitura de alguns clássicos, especializa-se em pesquisas no direito do Terceiro Reich e questiona a cumplicidade dos filhos que não condenam nem censuram os pais que “foram criminosos nacional-socialistas, ou espectadores, ou que desviaram seus olhos, ou que depois de 1945, tinham tolerado o convívio com os criminosos, chegando mesmo a aceitá-los na época”.

Após a separação de sua esposa ele decide ler, de forma diferente, para Hanna que se encontrava presa há oito anos. Durante 10 anos segue enviando ao presídio fitas cassete com a gravação da leitura em voz alta de obras literárias diversas. Mais uma vez o personagem demonstra sua forma de amar através da leitura e, além de refletir sobre as gerações pré e pós-guerra, faz uma análise da literatura.

Durante muito tempo o único meio de comunicação com a ex-amante foi por palavras, até que ela lhe envia um bilhete no quarto ano de contato. A troca de bilhetes e fitas foi uma forma acomodada de manter o relacionamento sem contato direto com a prisioneira até receber da diretora do presídio correspondência comunicando o indulto e libertação de Hanna.

Em sua primeira visita ao presídio Michael encontra Hanna com cabelos grisalhos e rugas no rosto segurando um livro. Ela era tão amante dos livros a ponto de fazer uma greve, permanecendo sentada no mesmo local até que os cortes nos fundos para a biblioteca do presídio fossem corrigidos.

Tão curioso como foi o método que Hanna aprendeu a ler foi o seu constrangimento e seu mistério, cujo segredo levou-a aos campos de concentração e lhe custou uma pena mais dura do que a das outras acusadas.

Ao afirmar “Talvez eu tenha escrito a nossa história porque queria mesmo me ver livre dela, ainda que isso não seja possível”, estará o protagonista expressando um sentimento de culpa ou

deixando claro que esta seria uma história de amor verdadeiro e eterno?

The Lector

Book Review

Maria de Jesus Nascimento

Dra. em Ciência da Informação – Professora do Curso de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDEC

E-mail: jesusnascimento@hotmail.com

Resenha: Recebido em: 25/04/2009 Aceito em: 24/09/2009
--